

Stadium

N.º 132 * 13 DE JUNHO DE 1945 * PREÇO 1\$50

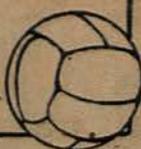


"TAÇA DE PORTUGAL"

Das jogos da jornada de domingo, o que despertava maior interesse ainda era o Atlético-Olhonense. A magnífica fase que publicamos foi colhida neste encontro e nela se vêem Carbrita e Baptista disputando a bola



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

O treinador ENCINAS

afirma: os jogadores devem passar uma vida tranqüila, mesmo quando se deslocam...

JA com o pé no estribo, de regresso a Madrid, ouvimos a seguinte declaração do treinador Ramon Encinas: Vamos encantados. Todavia, uma excursão futebolística é diferente de uma excursão de turismo. Uma coisa é jogar à bola, outra passar e divertir-se a gente. Se voltarmos outra vez a esta encantadora terra, só peço o seguinte:

Façam tudo quanto quiserem aos dirigentes, mas deixem os jogadores em paz, com um pouco mais de tranqüilidade...

Logo comentámos:
— O Encinas pensa que um programa de recepção muito cheio prejudicou os jogadores?

— Creio que as nossas derrotas não foram provocadas por essa causa. No Pôrto, porém, não tivemos um momento verdadeiramente nosso. Sempre nisto ou naquilo, de manhã cedo até à noite. O que não deixa de reflectir-se em campo...

— A copiosa derrota no Pôrto? — Má tarde do Real Madrid, e uma boa exibição do F. C. do Pôrto, com excelente linha avançada. Há até um acentuado desentendimento entre esse ataque e o resto do team. Bahon, o guarda-redes do meu grupo, esteve francamente infeliz. Em má tarde.

— Não, há alienantes? — Uma, apenas. O terreno do jogo. Não basta reinar um campo; é preciso depois cuidá-lo carinhosamente. Ora, o estádio do Lima, pelas rugas que faz e pela sua dureza, está quasi impróprio para ali se jogar futebol. Ainda tentei melhorar o piso, pedindo para o regarem com abundância.

A visita do BARCELONA para um jogo com o S. L. Benfica

ESTA marcado para hoje um encontro de futebol que é mais um jogo magnífico, na série das grandes jornadas internacionais da presente época. O Futebol Clube de Barcelona, que ostenta o título de campeão de Espanha, defronta, no terreno esplendido do Estádio Nacional, o popular Sport Lisboa e Benfica, actual campeão do País. Fecha-se, assim, com um desafio sensacional, o ciclo dos jogos entre os três melhores grupos portugueses e os três maiores clubes espanhóis de futebol. Vai ser uma luta — entre campeões.

O Futebol Clube de Barcelona,

CAMPEONATOS REGIONAIS

SUA ORGANIZAÇÃO EM NOVOS MOLDES

OS campeonatos distritais de futebol não devem ter uma vida prolongada. Abolidos há muito tempo em Espanha — mais de quinze anos, se não estamos em erro — estão igualmente condenados em Portugal, dada a natural evolução da organização dos campeonatos.

Salva-se apenas o torneio de Lisboa, que desperta interesse e que rende o suficiente para justificar a sua existência. Os outros, por esse país fora, arrastam uma vida pacata — e também difícil, sob o ponto de vista económico. Em alguns pontos há um campeão já tradicional e a luta resume-se à conquista dos postos secundários. Um interesse sem interesse, na maior parte dos casos.

É evidente que o desaparecimento das competições regionais permitiria uma Primeira Divisão do Campeonato Nacional mais larga; estudo mais profundo e solução mais satisfatória da Segunda Divisão; maior regularidade no desenvolvimento dos campeonatos; possibilidade de se disputarem os desafios internacionais com uma equipa bem trabalhada e sem prejuízo daquela regularidade; e tempo para os clubes realizarem as partidas amigáveis de futebol, porventura re-

cia. Mas sabe o que me disseram?

— Não, não sabemos...
— Que a água era muito cara!
Chegara a hora da partida do combóio. Encinas, o melhor treinador de Espanha, ta a caminho do seu país.

tando definitivamente a tradição de trazer a Portugal *teams* estrangeiros — agora, que o mundo regressa à paz, prevendo-se um grande movimento desportivo.

No que se refere especialmente a Lisboa, sob o ponto de vista de competição — o Campeonato não tem razão de ser. Quatro grupos lisboetas participam no Campeonato Nacional, logo a seguir, precisamente nos mesmos moldes. Simples repetição.

É claro que fica um problema, e um problema de grande importância. Os clubes precisam das verbas dos campeonatos; e os próprios organismos que coordenam a actividade dos clubes também têm de se manter. Como resolver o caso?

Eis um assunto a estudar pelos dirigentes. Em todo o caso, permitimo-nos dizer que a efectivação dos desafios internacionais entre clubes pode resolver a questão. Tendo os clubes datas para fazer esses encontros, é evidente que a receita será compensadora. Talvez que os casos desta época, o Sporting-Avição, e o Belenenses-Madrid, assim como o grande encontro Benfica-Barcelona que hoje se disputa, não constituam regra. Em todo o caso, lembrem-nos que eles deram um montante líquido superior a qualquer campeonato, e que deixa a perder de vista a intervenção dos clubes no torneio lisboeta.

Sabemos que esta solução é empírica, e que uma Organização deve ter as suas regras, sabendo com o que conta. Podia ser adoptada, quando muito, como regime de transição, já que não se sabe ao certo os resultados a que conduzirá o desaparecimento dos torneios distritais.

Note-se, entretanto, que a actividade das Associações distritais poderia até ser mais intensa do que é agora. Quando nos referimos ao campeonato regional queremos dizer *Divisão de Honra*. Mas isso não significa que não se organizassem campeonatos, e de variada espécie, mantendo em actividade todos os jogadores. Estamos até convencidos que esses torneios não deixariam de despertar a curiosidade do público desportivo.

Concluindo. Os campeonatos distritais, tal como se encontram organizados, têm os dias contados, impondo-se o aperfeiçoamento do Campeonato Nacional, tanto na Primeira como na Segunda Divisão.

Ideias próprias e alheias...

A notícia já é conhecida do público: o Belenenses foi muito com dois contos; Amaro suspenso por dois encontros, e Vasco por um; tudo em consequência do último Belenenses-Benfica.

O Belenenses está decididamente infeliz na «Taça de Portugal». O somatório de desgraças azuis impressiona: um resultado desastre; jogadores com lesões de certa gravidade; agora, jogadores punidos. Um mal nunca vem só. Também, não há bem que sempre dure nem mal que não se acabe...

José Maria Mateos, antigo seleccionador espanhol e crítico de reconhecida capacidade, opina sobre a fúria espanhola:

«Considera-se como coisa fundamental do futebol espanhol a fúria. Mas a fúria, por si só, poderá dar vitórias frente a um grupo medroso e pobre de jogo, caso raríssimo nos desafios internacionais. É preciso juntar à chamada fúria a prática de um jogo de qualidade. Um jogo que saiba aproveitar essa fúria.»

Chama-se a isto — falar bem, e depressa.

A Federação de Futebol, por indicação da Direcção Geral de Desportos, determinou que o treinador do Atlético Severiano Correia, em serviço durante algum tempo na selecção portuguesa, esclareça por escrito várias passagens de uma entrevista concedida ao jornal «A Bola».

Quere dizer: a Direcção Geral interessa-se, e vivamente, por tudo quanto se relacione com o problema do grupo representativo de Portugal.

Em Espanha ainda não se deixou de comentar o desafio da Corunha, espremendo-lhe o sumo o mais possível. As opiniões são concordes num ponto: em que o *team* português se apresentou melhor trabalhado, fisicamente.

Acrescentamos: o *team* português foi também muito valente. A luta dada por Quaresma, por exemplo, fica com padrão e modelo de valentia em jogo.

O BELENENSES NA MADEIRA

Está definitivamente assente a deslocação do Belenenses à Madeira, a qual deve verificar-se em fins do próximo mês de Julho. O Belenenses disputará no Funchal quatro desafios.

A notícia da aceitação do convite provocou na Madeira a maior das expectativas. E a Madeira vai receber o Belenenses — como só ela sabe receber.

O problema dos "quartos de final" foi resolvido sem dificuldades

O degraú dos quatro de final foi transposto vitoriosamente por quatro clubes: Benfica e Sporting, de Lisboa; Vitória, de Setúbal; e Olhanense, do Algarve. Estão em luta, frente a frente, Lisboa e a Província. E o desenvolvimento da competição dependerá muito dos resultados do Sorteio. Quando escrevermos, ainda essa operação não está realizada. Só logo à noite. Ou o sorteio cortará um braço a Lisboa, ou então oferecerá a guilhotina à província. Que, seja como for, haverá luto. Os *teams* de menos poder, embora valerosos, já se sabem adaptar a todas as condições. Perderam o ar de ingenuidade que os caracterizava. São grupos a vencer.

A segunda mão dos quartos de final, em boa verdade, podia ter sido dispensada. Os quatro concorrentes vitoriosos na primeira justa tinham alcançado já tal vantagem prática de *goals* que a jornada de repetição nos parecia como qualquer coisa de escusado. Apenas uma necessidade regulamentar. O público também entendia como nós. Jogos que, noutras circunstâncias, entrariam no mando das enchentes, registaram fracas assistências. E de assinalar o seguinte: só dois clubes, Sporting e Olhanense, possuem as meias-finais tendo ganho os encontros do degraú de acesso. Benfica e Vitória foram chamuscados nos segundos jogos... Eis os resultados:

Benfica.....	4 —	Belenenses.....	5 (11-6)
Boavista.....	2 —	Vitória.....	1 (2-4)
Atlético.....	1 —	Olhanense.....	2 (1-7)
Oliveirense.....	1 —	Sporting.....	4 (2-12)

Indicam-se entre parêntesis os totais dos dois resultados. Nem parece tratar-se de forças equilibradas. Os desníveis de *goals* impressionam. Cinco de diferença para o Benfica e Belenenses e seis para o Atlético e Olhanense — é muito. Foram sacrificados: Belenenses e Atlético, de Lisboa; Boavista, do Porto; e Oliveirense, de Aveiro. Registe-se, no entanto, o brioso comportamento do Boavista e Oliveirense, especialmente deste, que, pela primeira vez, se viu nam bailado tão difícil. A queda do Belenenses foi uma consequência do sorteio, mas a verdade é que o clube pode apresentar várias atenuantes para justificar a sua eliminação.

O desafio mais importante, isto é, tendo como contendores clubes de maior categoria, disputou-se no Campo Grande, o lar do Benfica. O Belenenses, ferido pela lei dos paniches, apresentou-se desfalcado; e o Benfica para não lhe ficar atrás, também não alinhou o lado melhor, voluntariamente ou forçado pela lei das lesões. Resultado: um desafio estranho.

O encontro de Santo Amaro era o que tinha, tanto sob o ponto de vista de competição como técnico, maior interesse. Importava ver se os cinco *goals* de Olhão representavam alguma coisa de positivo. Ou se, pelo contrário, não passavam de uma afirmação de sorte. Como iria reagir o Atlético? Alinal, o deslecho indica haver no Olhanense qualquer coisa de valioso.

O Boavista lutou bravamente em seu campo, mas não conseguiu transpor o obstáculo de três bolas. Em Oliveira de Azemeis — não havia esperanças. Sabia-se que a talhada era do lado.

O Atlético enfiá a fundo mas o Olhanense resistiu... e venceu

Há elementos que exercem grande influência em um desafio de futebol. O vento, por exemplo. Uma força que favorece um lado, e prejudica o outro. Quando se muda, porque os grupos mudam, os mais das vezes os estragos produzidos são já tão fortes que o *team* atingido não consegue repará-los, e sacumbe. O vento é sempre um factor a ter em conta, tornando-se necessário que os grupos saibam aplicar as medidas necessárias para, não debelando o mal, o atenuar na medida do possível. Relembramos a este elemento porque ele desempenhou um papel de relevo na partida de Santo Amaro. O Atlético escolheu a favor do vento. Mas foi o Olhanense que melhor se adaptou às condições naturais em que a partida lhe era proposta.

O Atlético atacou em avalanche. Procurou, pelo menos, atacar logo de começo, irresistivelmente. A força de vontade e energia desenvolveu avanços sobre avanços, criando oportunidades de bom estilo em frente das rédes algarvias. Simplemente... uma coisa é criar oportunidades, e outra aproveitá-las. A verdade é que todo a linha atacante do Atlético se mostrou de singular imperícia no copilão do remate, principalmente no centro do terreno, vis-à-vis com os balizes, onde vivia um rapaz robusto, mas totalmente improdutivo.

Por esta descrição, aliás exacta, não vá julgar-se que só um *team* estava em campo. Seria ter uma ideia errada do que se passou. Pelo contrário, o Olhanense nunca se desmembrou na união das suas célicas componentes, apresentando-se sempre, e isso mais se viu nesse período defensivo (é nos transes difíceis que se conhecem os homens), como um grupo unido, senhor de um plano, e absolutamente resolvido a não largar a camisola amarela frente ao Atlético. Os algarvios podem ser acusados de variados erros técnicos; não de falta de valentia, ou de energia e coragem, menos de não se entregarem à luta com verdadeira paixão.

Quere dizer: o Atlético dominou na primeira parte, justificando-se 1-0 — e mais *goals* se justificariam que, a verificarem-se, não

A lição de Santo Amaro — Breve análise dos outros encontros

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

teriam deixado de exercer enorme influência na segunda parte, mas um pouco confusamente. Os jogadores não se convenceram que é a bola que tem de rolar depressa, não havendo necessidade de eles correrem muito, nem consumir de forças sem proveito. Sucede, então, que, quando as forças são precisas, já não as há. Morreram. E isto aconteceu na segunda parte de Santo Amaro, e no lado do Atlético.

Como é natural, o Olhanense fez todo o segundo tempo em toada de ataque. Agora, o vento favorecia-o, e o adversário tinha dado todo quanto podia. Era a altura de organizar a ofensiva, de bom desenho, e conjugação de esforços, à base de colaboração colectiva. Diga-se que os algarvios fizeram, por vezes, bom futebol, com o mesmo defeito do seu adversário, embora menos acentuado, pois vários remates foram bem dirigidos às rédes: falta de aproveitamento prático das situações criadas. No entanto, pelo que fizeram, ante um competidor que, de certo momento para diante, se entregou, mereceram o triunfo, aliás desnecessário para passarem adiante. Na última fase, a partida comportou aspectos de treino para os de Olhão.

O avançado-centro algarvio, pela sua classe, é uma unidade que consegue destacar-se de todas as outras: excelente toque de bola, visão do lance e desembaraço no remate. A seu lado, um jogador habilidoso, o interior-esquerdo. A anotar ainda: o comportamento do médio-direito, jogador sóbrio mas que sabe o que faz; e do defesa direito. O guarda-rédes, que mostrou segurança, é uma pessoa estranha, com paragens e indecisões de quem ainda não está seguro no seu papel. No lado do Atlético, devemos destacar, especialmente, o labor dos médios-als.

Não sabemos porque se chama *diagonal* a este processo de arbitrar, como o entende o juiz setabalenese que dirigiu (o termo talvez seja impróprio) a partida. A actividade do árbitro não influiu no resultado, mas poucas vezes tenho visto uma arbitragem tão inferior, sob o ponto de vista técnico: no julgamento das cargas, por exemplo, procedem ao contrário do que as regras indicam. Quanto aos *offsides*, não foi só ele a errar. O juiz de linha do lado das bancadas colabora largamente. Três árbitros. Erros multiplicados por três pessoas.

Os desafios do Campo Grande, do Bessa e de Oliveira de Azemeis

O desafio do Campo Grande estava condenado de antemão a transformar-se num encontro sem interesse. Alinal teve fases muito curiosas, e os *teams* movimentaram-se de modo a justificar a cariosidade da assistência.

Acontece isto muitas vezes. Os suplentes chamados nos lugares de honra intervêm, muitas vezes, com mais vontade do que os titulares, tornando-se notados, Camprindo. Fazendo esquecer os efectivos.

A constituição do Belenenses diz alguma coisa no aspecto de substituições: Capelo; Peres e Feliciano; Sérgio, Gomes e Serolim; Mário Coelho, Armando, Teixeira da Silva, José Pedro e Conceição.

O Benfica também apresentou duas talhas: a de Moreira e a de Espírito Santo.

A síntese do jogo dá-se numa frase: o Benfica exerceu domínio territorial, mas não absoluto; o Belenenses esteve mais seguro no capitulo do remate.

Os azuis, defendendo-se, nunca perderam o sentido do ataque. Na verdade, a defesa do Benfica via-se em sérias dificuldades.

Precisamente, o resultado de 3-4 favorável ao Belenenses deverá ser visto através do mau trabalho da defesa do Benfica. Porque o ataque encarnado campria o seu dever.

O Boavista conseguiu vencer o Vitória de Setúbal. Mas por um resultado que o deixa de fora, como se tivesse perdido...

Nesta fórmula das duas mãos já se sabe o que vai acontecer, quando um *team* ganha por um resultado que o seu adversário julga estar ao seu alcance, na partida de retribuição.

O Boavista lançou-se ao ataque desde o primeiro momento. Com espantosa energia e grande vivacidade. Acercando-se facilmente das rédes contrárias. Exercendo aquilo que se chama *domínio territorial*. Todavia, muitas oportunidades em frente das balizas foram desaproveitadas, a um tempo por imperícia de remate e falta de serenidade. O avançado português já não é famoso no remate. Quando quere fazer *goals* de qualquer maneira — é ainda pior. Por assim dizer, afoga-se no entusiasmo.

O Vitória de Setúbal não foi um *team* batido. Cónscio da superioridade conquistada no campo dos Arcos, soube organizar-se e defender-se corajosamente. Tendo o jogo coido mais para o seu campo, deve dizer-se que a defesa não traquejou um momento sequer. Por outro lado, o ataque também realizou coisas bem feitas.

O jogo de Oliveira de Azemeis não oferecia interesse. O Spor-

(Continua na página 11)

SUBSIDIOS para a HISTORIA do PUGILISMO em PORTUGAL

COORDENAÇÃO DE Miguel Barradas

V

O ano de 1915 foi um período de animadora actividade. Primeiro, pelo dinamismo dos dirigentes da Federação, a quem já nos referimos — e em particular do engenheiro Nobre Guedes, que orientou com inteligência e bom senso os trabalhos do citado organismo; depois pela emulação desportiva criada entre Basílio de Oliveira e Tobias Xavier.

Logo no começo do ano assentou-se em realizar o primeiro campeonato amador da Federação. Ainda era reduzido o número de praticantes e escassos os clubes que tivessem aceito a modalidade da esgrima de punhos entre os desportos de reconhecida utilidade. O facto não impediu, no entanto, que a 21 Fevereiro, pelas 13 horas, comparecessem na pesagem, realizada no edificio do Ginásio Clube Português, dez concorrentes. Uma hora depois subiam ao ring os meios-leves Pedro Cohen, da Associação Naval, e Miguel Machado, do Ateneu Comercial, para disputa da primeira eliminatória. Cohen era o melhor dos dois, mas não estava em boa condição física. No fim de quatro assaltos perdera a vantagem conseguida nos dois primeiros, deixando perplexos os assistentes. O júri, composto por Alberto Madeira, Manuel Noronha e Nicoll Mac Nicoll (árbitro), resolveu indicar Cohen vencedor por pontos, ainda que precipitadamente. O público protestou contra a decisão, convencido de que Miguel Machado merecia a vitória.

Como os nossos leitores estarão reflectindo, pela certa, sobre estes acontecimentos, não insistiremos. O vício de discordar das arbitragens nasceu em Portugal com o próprio pugilismo... Daqui partiu um conflito curioso e original. No dia seguinte, o Conselho Técnico da Federação recebia um officio do Ateneu Comercial, muito azedo, no qual se protestava contra os factos. Dizia que "em virtude da opinião dos concorrentes inscritos,, e "caso este nosso protesto não for admitido,, e, ainda, "se não se fizer ao nosso concorrente a justiça que elle merece,, etc., etc., o clube disistiria de prosseguir na disputa do torneio. A situação era grave. O Ateneu apresentou uma equipa excelente, com Basílio, Borges da Cruz, Miguel Machado, Plácido Monteiro, Agostinho Paula, Hereulano Rodrigues...

A sua desistência era o malogro do campeonato e a inutilização de um labor persistente, cheio de pormenores de amor-próprio e de brio desportivo. Por outro lado, a situação parecia irreductível e irreconciliável.



Assim, de início, por falta de calma e de senso desportivo do principal clube concorrente, gerara-se um bêco, sem saída airosa. Boa ou má, a decisão do júri tinha de manter-se, a menos que se descobrisse um motivo lógico,

plausível e honesto, para a revogar.

O Conselho Técnico da F. P. B. reuniu-se imediatamente, ouvindo as pessoas do júri. O juiz Madeira marcava 30 pontos a Cohen e 29 a Machado; Noronha atribuiria 33 e 35 aos mesmos jogadores; Mac Nicoll optara pela vitória de Machado, sem marcar pontos a nenhum.

Da acta que se lavrou e publicou extraímos a seguinte passagem:

"Definidas assim as opiniões, tanto do árbitro como dos juizes, o Conselho Técnico, de acôrdo com estas entidades, resolveu, em última instância, que a vitória pertença a Miguel Machado. Concluindo, informamos que a errada decisão foi consequência de uma confusão de atribuições dos membros do júri, que a Federação fará todo o possível de evitar no futuro.."

Assim, pela primeira vez em Portugal, se rectificou a decisão do júri de um combate de boxe, em consequência de um mal entendido ou confusão de parecer dos seus componentes. Infelizmente, não foi a última vez...

As segundas eliminatórias jogaram-se entre Homero Alves e Plácido Monteiro, pesos leves. Segundo disse um cronista desportivo contemporâneo, Monteiro era creatura com disposição para ser bom pugilista. Homero Alves perdeu briosamente, com desportivismo, uma luta desigual, e no fim do 4.º assalto Monteiro foi anunciado vencedor — sem protesto da assistência...

As finais do torneio efectuaram-se no dia 5 de Março de 1915. José da Silva Ruivo, que devia disputar o titulo dos meios médios, pelo Clube Internacional de Futebol, a Hereulano Rodrigues, do Ateneu, não pôde apresentar-se, reduzindo o justo valor do torneio. O vasto Salão da Trindade, onde hoje está instalada a Companhia dos Telefones, estava completamente cheio de espectadores nessa memorável noite de sexta-feira. O aspecto da sala era magnifico e desusado: as primeiras filas, rodeando o ring, estavam repletas de assistentes envargando *smokigns* e casaca, tal como em Londres, durante os solenes saraus do aristocrático National Sporting Clube. Pelas 21,30 horas prefixas entravam no ring, Germano Garcês e Borges da Cruz, que iam resolver a supremacia dos levíssimos. Borges da Cruz evidenciou superioridade no 1.º e 2.º assaltos. Nos seguintes dominou Garcês. Ambos terminaram fatigados. Mac Nicoll decidia se a fazer de Germano Garcês, do C. I. F., nomeando-o campeão de Portugal — o primeiro, cronologicamente falando — da categoria. Seguiu-se o combate de Miguel Machado com Olimpio Torres, também do C. I. F. Ma-

(Continua na página 15)

Em cima: António Cardoso, quando atleta C. I. F. Em baixo: Basílio de Oliveira (ao centro) rodeado de alunos e companheiros de clube (1945)



ATLETISMO-CAMPEONATOS NACIONAIS DE JUNIORES



1 -- Salta, do CIF, vencedor do salto em altura; 2 -- A equipa do Sporting campeã dos 5x1000. A' direita, Castelo Branco, vencedor individual; 3 -- A chegada dos 80 metros; 4 -- Os atletas do Sporting, que conquistaram o 1.º lugar colectivo; 5 -- Camões, do Sporting, uma chegada; 6 -- Costa Pereira, do Beafia, ganha os 300 metros; 7 -- A equipa vencedora dos 5x20; 8 -- A turma do Sporting que conquistou os 3x300; 9 -- A Mendes, do CIF, campeão do péso; 10 -- A. Pinto, também do CIF, ganha os 3.000 metros



HANDBALL

NOTAS E COMENTÁRIOS

Ballado das horas...

A marcação do jogo Salgueiros-leça, na 1.ª mão, sofreu constantes alterações. Durante a semana que o procedeu, nada menos de três ordens diferentes, emanadas de A. H. P., vieram desorganizar profundamente o plano estabelecido, o que injuriu consideravelmente na direcção do encontro. Verdadeiramente, constituiu pouco respeito pelas responsabilidades alheias decidir um jogo às 15 horas de sábado, depois de uma comunicação oficial, mas verbal. Isto demonstra que se não se houvessem encontrado os dois elementos das comissões administrativa e distrital, o «match» ficaria, automaticamente, por efectuar...

Que os interessados meditem no caso e atribuem as culpas a quem as merece.

Resolução tardia

Depois de esgotados os esforços para demoverem de sua alitude o conhecido árbitro Edgar Fernandes, que se fêz numa razão até certo ponto aceitável, a Comissão Central, à última hora, delegou, para o Pôrto-Vigorosa, na Comissão Distrital do Pôrto.

O escrúpulo numa escolha, para não soar a repelição, hoje maldoamente apreciada em certo sector — e desejando o organismo norteño fiscalizar a utilização de outros árbitros que, durante a época, devam boa conta dos seus papéis — fez criar à volta da nomeação de Rodrigo Viana uma atmosfera pouco clara.

No entanto, o episódio passou sem motivos para remorsos, embora essa decisão, que a muitos surpreen-

deu pelo «arrôjo», tenha nascido num momento de impossível vacilação.

Como o jogo de passagem, também o Pôrto-Vigorosa correu risco de não se fazer...

Dito por não dito

Antes do jogo, o delegado de um dos grupos apresentou verbalmente um protesto pelo «abuso» da Comissão Distrital Interferir nas decisões da Comissão Central.

É de admitir que o representante do F. C. do Pôrto — que mais tarde não compareceu a fazer vingar o seu protesto, constando até que não tinha representação oficial para o fazer — haja mediado e desilido de tão extraordinária reclamação, sabendo-se incursu no Art.º 86, alínea d), do Decreto n.º 32.946, o que corresponde a «suspensão de actividade até 3 anos» (a desportistas e a organismos desportivos).

A título de curiosidade é interessante transcrever a seguinte passagem do ofício de C. C. Arbitros, remetido à Distrital portuense:

«Nesta data oficiamos à Federação comunicando-lhe a falta de fundamento de semelhante reclamação, visto o referido árbitro ter sido nomeado por V., com a prévia autorização desta Comissão Central.»

Dignidade

Quando se ocupam lugares para salvaguarda de interesses gerais, não podem ser defendidos os casos especiais. O prestígio de uma modalidade não se consegue só por nomear um árbitro que possa não deixar perder um flúio. O respeito adquire-se pelo equilíbrio das decisões, tendo em vista o natural anseio de cada um em obter esse flúio.

Depois, há um conjunto de circunstâncias, invisíveis para os que não estão dentro da organização, que, por sua vez, pesam consideravelmente numa decisão colectiva.

O eng. Rodrigo Viana cumpriu, não só como árbitro mas como homem — particularmente neste caso especial, em que a velha rivalidade Pôrto-Académico tomou vulto.

A dignidade, felizmente, não andou ao sabor das paixões clubistas...

Sede

Continua sem solução o caso da sede de A. H. Portuense.

Provisoriamente nas instalações do Vigorosa, por atenção especial, não deve a associação regional manter-se nesta situação.

Queixem-se os clubes — e com fundamental razão — das deslocações que têm de fazer os seus representantes, quando em serviço.

Na verdade, uma associação com o movimento desportivo de A. H. P., não deve ficar longe do centro da cidade — até mesmo porque as finanças associativas permitem a ocupação de umas salas independentes.

Por que não se agita a questão, com boa-vontade?

LUIZ MARCOLINO

ATLETISMO

Nítida superioridade da equipa do Académico F. C. nos campeonatos regionais de «Principiantes» e «Juniões»

DEPOIS do Torneio de Stadium, que os atletas do Académico tão brilhantemente venceram, e do campeonato regional de «estreantes», que deu triunfo não menos brilhante à «turma» do F. C. do Pôrto, havia justificado interesse pelas complicações que se seguem, já pelo prometedora subida de valor de uma terceira equipa — a do Académico de Braga — já pelo equilíbrio de «forças» que se revelava entre as representações dos «portistas» e dos «academistas». Aconteceu, porém, que se o primeiro facto se confirmou e trouxe assinalado interesse aos campeonatos de «Principiantes» e de «Juniões», o segundo se desmoronou por completo, ante a desleitura dos melhores elementos da equipa «azul-branca» — uns, por lesões, como Orçillo Oliveira; outros, por motivos de estudo, como Alfredo Serrano; outros ainda por factos que se há-de apurar (cobrança de pessoas de responsabilidade, com feição clubista diferente?). Daqui resultou que o F. C. do Pôrto se viu privado, de uma semana para a outra, de dar a medida exacta do seu actual valor. E daí naturais os esmagadores triunfos do Académico.

Deve dizer-se, contudo, que em qualquer circunstância a equipa do Académico acabaria naturalmente por vencer, dado que apresentou esta época uma notável «turma», e revelou magnífico trabalho em profundidade. Mas perdeu o espectáculo da competição em ambiente de emoção e de entusiasmo — factores importantes na boa propagação da modalidade.

Com estes comentários não pretendemos empoldecer o brilho da vitória do clube do Lima, que após um período de apatia ressurte a ocupar o lugar de relêvo que sempre teve no atletismo portuense. É mesmo justo que se coloque em plano de evidência a sua actividade nesta época, à qual deve, em especial — e não só aos imponderáveis dos adversários — o belo colecção de triunfos que já arquivou neste dealbar de época.

Por outro lado, não deixemos de reconhecer que os restantes clubes também trabalharam com vontade, merecendo por isso francos aplausos. Em síntese: no que diz respeito à contribuição dos clubes, o atletismo norteño pode confiar abertamente no seu futuro e acreditar em absoluto no seu ressurgimento. Bastam estes números, nunca atingidos entre nós: 111 inscrições nos «Principiantes» e 135 nos «Juniões». Dizem bem do trabalho dos clubes, que há duas épocas se viam ainda em sérias dificuldades para conseguir meia-centena de praticantes...

O panorama está, pois, modificado. Mas também outros portemenores. As organizações técnicas atingiram nível modelar, que se tem revelado em todos os aspectos; uma jovem equipa de juizes trouxe aos nossos programas atléticos o ambiente de dinamismo e que não estávamos habituados; e boa sequência de provas, julgamentos honestos e rápidos, cumprimento integral do que está determinado oficialmente. Sem falhas e com muito entusiasmo, tem sido possível, neste capítulo, dar colaboração preciosa ao ressurgimento do atletismo.

Com o esforço e boa vontade de todos pôde chegar-se ao panorama actual. Resta agora saber mantê-lo — e dêdesse propósitos estão animados tanto dirigentes como dirigidos.

EDUARDO SOARES

De oito em oito dias

Parque das Camélias

Um jornal diário desta cidade inseriu, há dias, uma carta, na qual era apresentada a sugestão de se transformar o Parque das Camélias num leirinho popular, fazendo-lhe alterações no palco, construindo mais camarins e cobrindo tudo como seria indispensável, para acautelar o inverno.

Não sabemos como encarou essa sugestão o seu proprietário, nem mesmo curamos de saber de sua exequibilidade. Outro motivo, e forte, nos leva a focar esse facto nestas colunas: o de que o Parque das Camélias está intimamente ligado ao movimento desportivo portuense, pelos realizações que ali têm lugar, em especial de «chockey» em patins, «basketball» e até de «volleyball».

Já aqui o dissemos, quando de sua inauguração: o Parque das Camélias veio preencher uma grande lacuna, por estar situado no centro da cidade, e por ser de carácter precioso o campo que o F. C. do Pôrto tem na avenida dos Aliados.

Já não queremos referir-nos às

organizações de boxe, por ser de admitir que o palco poderia ser adaptado para esse efeito. Há ainda o projecto de construir no Parque uma piscina. Seria por isso grave perde para os desportos se o Parque das Camélias fosse desviado da sua actual função.

Aniceto Bruno e Império dos Santos

Já se encontram de regresso estes dois corredores portuenses, que tomarão parte na «Volta à Espanha».

Parece que se projecta qualquer homenagem, estando em constituição uma comissão para tal fim. Será a maneira de os desportistas portuenses paletearem a Aniceto e o Império o aprêgo em que foi todo o seu esforço no mais dura prova em que têm entrado.

Jogos inter-regiões

Foi posta de lado, infelizmente, a realização dos jogos entre as selecções de A. F. do Pôrto e da A. F. de Braga, por impossibilidade de sua realização. Se para os por-

(Continua na página 15)

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

Lemos cuidadosamente a maioria das apreciações da imprensa madrilenha sobre o jogo que o Real

Madrid disputou ao Belenenses no campo das Salésias e, embora a visão geral não seja simétrica da opinião portuguesa, o tom é quase sempre justo, focando apenas com maior insistência os aspectos que nós próprios censuramos também.

Há, porém, uma nota discordante: a do diário madrilenho «Gol», useiro e vezeiro em divulgar boatos sensacionais e que se permite albergar tanta lólice e tanta aleivosia que bem merecia a interdição da sua entrada em Portugal, enquanto não se resolvesse a mudar de processos e a respeitar a verdade.

O cómico de algumas afirmações vai ao gratesco na descrição da jogada que antecedeu o ponto de Rafael, ao afirmar que Amaro se levou a pelota en la mano como en una bandeja a través de varios adversarios. Por fin la dejó caer sobre el pie derecho ante el asentimiento del arbitro y cambió el juego a la izquierda dando ocasión a que Rafael empalmara un tiro sesgado!!!!...

«Rugby, una auténtica fase de rugby» que o cronista de «Gol» imaginou!

Diz mais adiante que o Madrid se mostrou quasi sempre superior, mas nada pôde fazer porque o árbitro não o consentiu, com a sua parcialidade. Lembra-nos, a propósito, o aplauso que mereceu a este mesmo jornal o critério daquele somigero individual que dirigiu, em Madrid, o encontro de «handball» com os lisboetas... Esse, sim, esse era um grande mestre, que felizmente não tem discípulos em Portugal...

EM PORTUGAL

Chegaram a Lisboa os ciclistas que representaram Portugal na «Volta a Espanha», entre os quais

João Rebêlo teve comportamento de autêntico campeão e conseguiu classificações que o igualam aos melhores participantes da importante competição: 6.º na classificação geral; 2.º na classificação dos corredores de segunda categoria (não profissionais), no Prémio da Montanha e no Prémio Pirelli (por pontos); vencedor de duas das mais duras caminhadas do percurso.

O brioso e enérgico corredor deu a melhor afirmação da sua classe — e a seu lado são ainda dignos de louvor os companheiros que, através de lódas as dificuldades, se mantiveram até final na dura competição. Houve, infelizmente, outros componentes que desiludiram as esperanças nêles depositadas e cujo comportamento talvez merecesse revisão para efeitos de futuras representações: houve quem abandonasse a prova porque as condições o impuseram, mas houve também quem aparentemente o tenha feito, apenas para evitar fadigas glórias ou por manifesto desinteresse de espírito de colaboração.

Isto é, pelo menos, o que as aparências evidenciam e a opinião pública é levada a considerar; se tais aparências iludem, bom seria que o esclarecimento se fizesse, para salvaguarda do prestígio dos próprios desportistas interessados.

Em contrapartida, é incontestável que João Rebêlo dignificou com o seu procedimento o desporto nacional — e a bem da justiça se espera que lhe sejam publicamente testemunhados o louvor e o agradecimento que merece.

TRABALHO E DESPORTO

O Desportivo de «A Iluminante»

vai intensificar a sua actividade desportiva e social

O desporto corporativo continua a sua marcha triunfante, espalhando benefícios nas massas trabalhadoras, com a prática salutar dos exercícios físicos, a par de actividade social deveras construtiva. Boa camaradagem, solidariedade e entre-sua de patrões e empregados, são as facetas do desporto corporativo.

O Desportivo de «A Iluminante» está neste caso. Fundado em 3 de Março de 1939 pelos empregados da conhecida casa que lhe dá o nome, o D. A. L. tem desenvolvido actividade interessante, com secções de futebol, «baskets», «tennis» de mesa e ciclismo. Nesta modalidade tem marcado posição de grande relevância e a velocidade da nacional deve-lhe boa parte da sua movimentação. São conhecidas as suas organizações, quer feitas exclusivamente pela colectividade, quer com o concurso do Sporting, às quais se deve não haver paralizado completamente

o ciclismo no nosso País. A secção é orientada obsequiosamente por Alfredo Piedade, nela colaborando também o nosso camarada Gil Moreira. Pelo D. A. L. têm passado alguns dos melhores «ases» portugueses do pedal.

O clube reúne já inúmeros troféus, conquistados também nas outras modalidades, em torneios particulares. Mas vai agora entrar em vida nova, profundamente remodelado, para exercer mais vasta actividade. Com o concurso do nosso estimado amigo Amadeu Szabra, bom desportista e gerente de «A Iluminante», deu-se já início aos trabalhos necessários. Há dias, sob a presidência do nosso querido director, dr. Guilherme de Matos, efectuou-se uma concorrida reunião, onde se assentaram novas directrizes e se lançaram as bases para maiores cometimentos.

Uma comissão trabalha na instalação de uma sede ampla, que reunirá as condições necessárias

Os jogos de encerramento

das provas inaugurais do «court» de «tennis»

Belas actuações de Petra e Pelliza

A Federação Portuguesa de Lawn-Tennis conseguiu realizar os seus designios, caprichando na apresentação ao público de excelentes «tennistas» estrangeiros na inauguração do «court» principal do Estádio da Cruz Quebrada.

Reunir quatro nomes notáveis do mundo da raqueta, neste momento agitado e inseguro, não foi, pela certa, nem operação fácil nem económica. Para maior proveito, houve que o público lisboeta de certa estirpe preferiu, talvez, exhibir-se no certame canino, onde se mostravam os privilegiados amigos do Homem, a comparecer e aplaudir os lances e as atitudes belamente plásticas dos visitantes. Outras gentes, menos grand monde, sentem marcada indiferença pela modalidade desportiva que faz furor nos países de língua inglesa e escolhem diversões mais acessíveis, no preço e na distância.

Todos perderam bela oportunidade de ver em acção um dos mais seguros e magistrais jogadores europeus, Francisco Romanoni, verdadeira muralha intransponível a devolver no fundo do «court»; o magnífico e versátil Pedro Massip, subtil e oportunista em todos os lances; e Yvon Petra, forte e avantajado atleta, talvez lento a deslocar-se, mas um frapper temível, que não perdoa.

Poucas vezes será possível, como desta, apresentar e reunir na mesma prova três autênticos campeões estrangeiros e um campeão de Portugal.

É certo que o torneio teve mais carácter demonstrativo, como era imperiosamente necessário, que de competição, mas essa circunstância não justifica o pouco interesse que o público mostrou pelas provas de sábado e domingo. Insondáveis mistérios...

A superioridade do campeão de Itália em «singulares» foi absoluta, como era de prever. Romanoni derrotou Massip, por 6/2 e 6/3, e Yvon Petra, por 6/4 e 6/4.

O campeão de França deu-lhe o melhor combate que Massip, embora o titular espanhol tivesse derrotado Petra, por 6/4 e 6/4. Apesar da virtuosidade inegável do italiano e da facilidade inverosímil dos seus golpes, parecemos que um Borotra dos bons tempos lhe ganharia com relativa segurança.

Com um pouco mais de sorte em certas jogadas de colocação, o espanhol Massip tê-lo-ia incomodado um pouco. A meio do «court» também não o achamos seguro nem inspirado. Em resumo: maravilhoso jogador no fundo do terreno, artista na execução

de uma colectividade de desporto e recreio. E para dar começo a uma série de festas dedicadas aos sócios e famílias, efectuam-se este mês, com o pretexto dos dias dos santos populares, animadas verbenas, para as quais outra comissão — esta englobando algumas gentes sócias — tem trabalhado com entusiasmo.

dos mais obtusos golpes da esquadra, mas preferindo sempre a mesma toada e não vindo à rede senão por força das circunstâncias.

Pedro Massip e Yvon Petra têm características opostas. O primeiro, como o italiano, domina a bola com igual naturalidade de gestos, batendo com velocidade e colocação. Jogo variado, preferindo terminar os pontos à rede. O francês, apesar da sua enorme estatura, é apático e bate a bola em força. Tem um serviço potente e colocado, de difícil resposta; a pancada da direita é segura e comprida.

Pelliza pareceu-nos muito regular em todos os compartimentos do jogo e as suas características são a sobriedade, regularidade e segurança.

Mário Szavost não possui a categoria dos restantes. Muito conhecido no nosso meio e muito simpático, é justamente apreciado. Desta vez, porém, mostrou-se irregular e incerto de mais. Tem serviço poderoso e bate com relativa segurança à direita, mas o seu organismo, por carência de treino, ou excesso deste, fatiga-se a breve trecho.

Dos jogadores nacionais há pouco que dizer. O melhor, pelas suas possibilidades, continua sendo, para nós, Eduardo Ricciardi, como o mais regular e seguro é Roquette. Todavia, numa competição contra os estrangeiros que nos visitaram, só emparelhando com eles em desafios de «spares» seria possível lutar discretamente e com dignidade. Isso mesmo sucedeu, como era lógico e esperado.

Os encontros do último dia jogaram-se na presença de pouco público. Pedro Massip, que dominara Yvon Petra com certa facilidade, derrotou Pierre Pelliza mais facilmente, ganhando a primeira partida por 6/3 e a segunda por 8/6.

Petra, pela sua mobilidade e espírito combativo, foi mais coriáceo que o seu compatriota, mas nada pôde contra a fática e a «souplesse» do espanhol.

Em seguida, F. Romanoni batalhou com Y. Petra, fazendo duas partidas de qualidade excelente e asperamente discutidas. Romanoni impôs-se pela direcção que imprimiu ao jogo e pelo sentido tático das jogadas.

A findar, Petra-Pelliza, apesar de fatigados, dominaram Szavost-Romanoni, perdendo a primeira partida por 4/6 e ganhando as seguintes por 6/4 e 6/3.

A equipa francesa, mais homogênea, era na verdade a melhor do torneio. Pena é que não houvesse um «spar» inteiramente português — Ricciardi-Roquette, por exemplo — para estimular o interesse do público e dos próprios. Este aspecto «nacionalista» dos torneios e campeonatos é fundamental e indispensável, para melhorar e cultivar a assistência.

Repetimos: fundamental e necessário.

RAFAEL BARRADAS

imagens da TACA de PORTUGAL

ATLÉTICO OLHANENSE: 1 — Ventura e Gregório disputam a bola ao ataque algarvio; 2 — Um voo de Abraão sob as vistas de Loulé; 3 — Lance de característica energia na luta entre o ataque e a defesa. Nunes e Conceição batem-se pela bola; 4 — Como foi marcado, o ponto de honra do Atlético por Conceição. BENFICA-BELENENSES: 5 — Feliciano não consegue evitar o remate de cabeça de Mário Rui. Araújo segue o lance; 6 — O esforço de Júlio para o remate e a estrada de Capela para a defesa — perdem-se. A jogada não teve o esperado seguimento; 7 — Feliciano e Araújo disputam a bola na grande área belenense. BOAVISTA-VITÓRIA (S.): 8 — Curioso remate de cabeça visto no jogo do Pôrto.



Comçou a SEMANA de NATAÇÃO com o festival de homenagem à Sereia



1 — As sete gentis nadadoras presentes no «Festival da Im-prensa»; 2 — A Rodoliana, J. Figueiredo e C. M. Amaro, 1.º, 2.º e 3.º nos 25 m. braços iniciados; 3 — Hety Heyman; 4 — A. Janardo, vencedor dos 66 m. braços principiantes; 5 — Jeremias Simão, um jovem «sã» em evidência; 6 — Lucilla Angela — com o seu agradável sorriso; 7 — Maria Fernanda Ferreira — com o seu agradável sorriso; 8 — O magnífico efeito de uma sereia na prova de 100 metros livres.

Vamos aprender como se joga?

XII — O jôgo dos três-quartos

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

O jogador três-quartos, alma e cérebro do ataque, deve ser igualmente rápido, hábil e forte—mais rápidos os pontas, mais fortes os centros. O entendimento entre os vários componentes da linha é factor indispensável de êxito; um três-quartos deve por intuição integrar-se no esquema de ataque iniciado pelos companheiros.

A posição da linha dos três-quartos atrás da formação—fase da qual lhe vem, na maioria dos casos, a bola para o ataque—depende do ponto do campo onde aquela actua: sendo junto à linha lateral, os quatro componentes distribuem-se por ordem no lado aberto do campo, a seguir ao médio de abertura; sendo a meio do do terreno, separam-se dois para cada lado; e se a formação se agrupa mais próximo de um lado do que do outro, vai o três-quartos ponta cobrir o corredor mais estreito, colocando-se os três companheiros no espaço mais amplo.

Regra geral, a bola proveniente da formação passa pelas mãos dos dois médios e depois de um dos centros; só em condições excepcionais, que referimos adiante, ela passa directamente do médio de abertura para o ponta.

O papel do três-quartos centro no ataque, sendo aquêle onde mais se torna necessário o espirito de iniciativa, conhece no entanto dois esquemáticos limites de acção: limite inicial, seguindo a corrida do médio de abertura, para lhe receber a passagem no momento propício e continuar a ofensiva esforçando-se por, limite final, preparar, ao extremo que o acompanha, caminho livre de obstáculos, por onde possa rematar eficazmente o ataque concebido.

O três-quartos centro deve ficar sempre a atenção no médio de abertura enquanto a bola evoluciona no grupo dos avançados, quer em formação, quer em qualquer outra fase, pronto sempre a intervir na jogada em curso, colaborando no sentido que lhe seja indicado pelo próprio médio,

com o ponta ou com o companheiro do centro, sendo estas variantes de ataque entre os dois centros das mais eficazes.

Não se julgue que o papel do três-quartos centro atacante se resume à mecânica simples de correr, largando a bola quando ameaçado de perto; a sua acção seria assim demasiado elementar e, até, improficua, pois sendo em regra quatro os atacantes, e quatro ou cinco os defensores, homem marcando homem, nunca mais se conseguiria resultado concludente.

E preciso, portanto, que o jogador atacante desmarque um companheiro, ou se desmarque para pôr do seu lado a vantagem numérica; é esta a missão própria do centro da linha de três-quartos.

Para consegui-lo dispõe, entre muitos outros, dos meios seguintes:

1.º—Fintar a passagem da bola, levando o adversário a deslocar-se, abrindo-lhe caminho directo à marcação do ensaio.

2.º—Enganar o adversário com uma finta, isto é, fazendo-lhe um engano na direcção da corrida,

processo às vezes eficaz, mas perigoso de aconselhar, pelos excessos de pessoalismo a que pode conduzir.

3.º—Retribuir a passagem da bola ao outro centro em vez de a enviar ao ponta, estratagem eficaz quando o portador da bola observa no adversário uma deslocação geral para o lado da assa, que vê assim ameaçado o êxito do seu ataque pessoal. Frizemos ainda que em todos estes casos, como nos seguintes, deve haver o cuidado de passar a bola antes de detido e continuar acompanhando a ofensiva na expectativa constante dos acontecimentos. É um êrro grave do homem que passou a bola desinteressar-se da marcha do ataque.

4.º—Passar directamente a bola ao ponta oposto, com uma passagem longa à mão ou com um pontapé, no caso em que note dificuldade na sequência do ataque, utilizando os homens que lhe estão próximos. Este processo só é recomendável em campo contrário, pois, quando falhe, permite ao adversário recuperar terreno, o que em condições de defesa pode ser perigoso.

5.º—Tentar, correndo obliquamente para a linha lateral mais próxima, reunir, na mesma zona, o adversário directamente oposto e aquêle que se opõe ao seu extremo, e passar então a bola a este que, durante a manobra, cruzou para dentro do terreno.

(Continua)



O ESFORÇO DE UM CAMPEÃO

Um belo salto em comprimento do atleta Ziegler

HIPISMO

Breves notas e comentários

acerca do último Concurso Internacional

Foi extraordinariamente feliz e digna dos maiores elogios a organização do vasto e brilhante programa do 34.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa, a cargo, como de costume, da Sociedade Hípica Portuguesa.

Passada a azáfama provocada pelo desenrolar rápido das provas, que obrigava a urgentes relatos, fazemos hoje breves comentários ao Concurso—que tanto entusiasma o público adepto do hipismo. A organização correspondeu, sob todos os pontos de vista, ao que se esperava.

A equipa espanhola deu à com-

petição incontestável brilho e as classificações que obteve—quinze, na totalidade—forneceram-nos a justa medida do seu valor. Os cavaleiros espanhóis venceram com mérito três primeiros prémios (Omnium, Caça e Regularidade) e classificaram-se em 2.º lugar em cinco provas, sempre com percursos notáveis.

Não conseguiram, porém, vencer as mais importantes provas disputadas, nomeadamente a «Taça de Ouro», o «Grande Prémio», a «Taça de Honra» e a «Turf-Clube». O seu cavaleiro mais classificado foi o comandante Marcelino Gavillán, que obteve um 1.º prémio, quatro 2.ºs, um 3.º e um 8.º, sendo também o mais regular de todos os concursistas inscritos.

Entre as montadas, a que mais se distinguiu foi «Lequeitio», conquistando quatro prémios (2.º, 2.º, 3.º e 8.º).

No entanto, as primeiras classificações conseguiram-nas «Año-wer del Tajo» (Omnium), «Beau-jolais» (Caça) e «Palomera» (Regularidade), esta última revelando sempre a sua classe inconfundível, pois alcançou a vitória saltando, sem faltas, 42 obstáculos, depois de ter coberto no mesmo dia dois percursos difíceis e violentos, na «Taça de Ouro da Península».

Dos nossos cavaleiros, o que melhor se classificou foi o capitão Correia Barrento, vencedor da «Taça de Honra», saltando 1,95 m. na 7.ª «barragem»; da «Espedida», na qual derrotou o espanhol Hector Vasquez; e da «Taça de Ouro», esta última de colaboração com os três restantes com-

ponentes da equipa nacional.

O concursista que apareceu mais vezes em frente do júri para receber prémios foi, no entanto, o alferes Henrique Calado, que, com o «Zuari» e o «Benguela», obteve seis classificações—e entre elas o 2.º lugar da prova «Turf-Clube» e o 3.º do «Percurso de Caça», além da brilhante colaboração na vitória colectiva da «Taça de Ouro da Península».

Rodrigo de Castro Pereira, apesar dos seus 58 anos, inscreveu o seu nome na lista dos vencedores do «Grande Prémio», com um percurso inteligentemente coberto no seu magnífico cavalo irlandês.

Não queremos findar estes breves apontamentos sem fazermos referência a «Jocosos», um bom cavalo nacional que, se contarmos com os resultados obtidos nas provas «Diana» e «Juventude», se classificou como a mais regular das nossas montadas, realizando sempre bons percursos, vencendo a prova «Ministério da Economia» e ficando 2.º no «Grande Prémio», além de outras classificações. O generoso animal foi sempre muito bem conduzido pelo alferes Barros e Cunha, ganhando também, com D. Maria Teresa Ivens Ferraz, a prova «Diana».

«Razos» venceu com brilho a «Turf-Clube». «Paio» foi extraordinário na «Taça de Honra», em luta com o valoroso «Lequeitio», e «Zuari» evidenciou sempre as suas possibilidades—em especial na «Taça de Ouro», onde foi o mais brilhante.

Apesar das classificações obtidas pela equipa espanhola, os nossos cavaleiros marcaram sempre boa posição, deram sempre réplica e ganharam com brilho as mais importantes provas, não desmerecendo o lugar honroso que sempre conquistaram para a nossa cavalaria.

ANTAS TEIXEIRA

INICIAÇÃO DESPORTIVA DA INFÂNCIA



Num parque público, um tanque-piscina, com o seu repucho, proporciona às crianças os primeiros prazeres da natação—no norte da Europa...

Um resultado surpresa

NÃO será exagero afirmar que nem um só dos espectadores ao jogo Pôrto-Sporting admitia, ao começar a partida, que os «leões» viriam a ganhá-la. Foi, no entanto, o que sucedeu — e com absoluta regularidade, beneficiando de um começo fulminante e feliz, que lhes deu logo a vantagem de três pontos, 7-4 ao intervalo e 8-4 na primeira jogada do segundo tempo.

O Pôrto reagiu com brilho na parte final da partida, quando, reduzido a nove homens, forçou por duas vezes o empate, mas não conseguiu evitar a derrota pela mínima diferença, 11-10, um resultado histórico.

A partida foi emocionante, animada e acidentada, com culpas principais para os portugueses, porque alguns, felizmente poucos, dos seus elementos, perderam a serenidade com a iminência do desaire e exageraram a dureza no sector defensivo.

O árbitro assinalou onze grandes penalidades: o Pôrto aproveitou cinco e desperdiçou a última, que era a melhor, porque lhe dava vantagem na marcação. O Sporting perdeu as cinco que apontou, das quais três foram defendidas e duas lançadas fora.

A arbitragem, motivo de ruídos e protestos do público, foi correcta e imparcial; pareceu-nos de exagerado rigor a expulsão do segundo português, porque, de onde estávamos, vimos apenas o choque, mas, no restante, não houve a mínima decisão tendenciosa ou, sequer, interpretando mal a justiça dos regulamentos.

O Pôrto perdeu porque a sua defesa, — inexplicavelmente modificada para este jogo — se mostrou fragilíssima nos lances iniciais e só veio a compor-se na segunda meia hora.

Esta inesperada decisão veio dar ao campeonato acréscimo de interesse; o Pôrto fica apenas com um ponto de vantagem sobre o Vigorosa e a Cuf, o primeiro dos quais alcançou no domingo, em Lisboa, sobre o segundo, expressivo triunfo, — pelo que os encontros das duas jornadas finais passam a ser todos decisivos para os participantes.

Não se sabe ainda qual será o campeão...

JOSÉ DE EÇA

TAÇA DE PORTUGAL

(Continuação da página 3)

ting deslocava-se com a maior das tranqüilidades, a coberto de sete bolas.

Todo o interesse reside nisto: até onde chegará o Oliveirense? Neste aspecto, o *team* vencido comportou-se briosamente, fazendo boa figura. Porque deu luta constante, não se remetendo excessivamente à defesa, antes atacando também. Deve até dizer-se que o jogo teve uma feição equilibrada.

Isto não quer dizer que os *leões* não tenham revelado, no decorrer dos noventa minutos, a sua maior classe. Seus conhecimentos e experiência. No forma como a equipa evoluiu, assim como no valor das suas anidades.

Os sportingistas, correndo menos que o seu adversário, estavam no entanto melhor colocados. Chama-se a isto ciência tática.

O árbitro invalida no começo do jogo uma bola do Oliveirense, que, segundo tudo indica, era um *goal* limpo. O facto influencia o grupo.

Por aqui nos ficamos. Esta segunda mão dos quartos de final pouco merece. O jogo de competição precisa de um estímulo — que não havia na última jornada.

NÃO deixaram saudades os campeonatos nacionais de juniores que a Federação foi organizar ao Pôrto. Nada satisfez: nem o estado da pista, muito descuidada, com um local de saltos quasi impraticável para algumas especialidades; nem o valor médio dos concorrentes, muito inferior ao das épocas anteriores; nem o público, que demonstrou desconhecimento das regras e teve por vezes atitudes pouco elegantes para com os dirigentes em campo; nem, finalmente, os próprios dirigentes, aos quais faltou expediente, autoridade — e em alguns casos a noção mesmo dos cargos que desempenhavam.

Uma referência aparte e distinta para o juiz de partida, Luis Aguiar, que se houve com a máxima consciência na difícil missão de que o incumbiram, provando conhecimentos e serenidade que a assistência — talvez mal habituada pelo que vê noutras competições — nem sempre compreendeu como de justiça.

A jornada de sábado foi morosa,

Uma série de crónicas publicadas na "Stadium"

editada agora pela Direcção Geral de Desportos

SOB o título de «Atletismo-Apostamentos de divulgação da técnica das corridas, saltos e lançamentos», a Direcção Geral de Desportos acaba de fazer editar, em separado, as dez crónicas da série «Enquanto as pistas descensem», publicadas no *Stadium* há tempos e de autor do nosso distrito colaborador dr. Salazar Carreira.

A resolução da Direcção Geral põe em relevo o valor e utilidade prática do brilhante trabalho de quem nosso estimado compenheiro de redacção, tanto mais que o pequeno brochura destina-se a ser distribuído gratuitamente por todos os cultores do atletismo no nosso País. Registamos o facto com prazer, visto que serve para palestrar a faceta construtiva de missão que impomos à nossa actividade jornalística.

A brochura «Atletismo», que tem 40 páginas, é ilustrada com as mesmas gravuras que acompanham as crónicas quando publicadas no *Stadium*, pois tivemos o gosto de as pôr à disposição da Direcção Geral de Desportos.

O torneio nacional de juniores foi o pior concurso da época

escusadamente morosa, mas regular e satisfatória; a de domingo, porém, foi intolerável e, talvez pela exagerado calor, alguns dirigentes mostraram-se demasiado nervosos; vimos, por exemplo, o secretário da Associação Portuense a ralar com grande gesticulação, despropositada gesticulação, aos participantes, no momento em que iam iniciar a sua prova, e dirigir-se-lhes de modo que abona pouco a sua competência; vimos com frequência, durante o salto à vara, os membros do júri cruzar despropositadamente pela frente do saltador em concentração; vimos, ainda, os corredores da estafeta 5 x 80 metros colocados nos seus postos, ao sol, meia hora à espera que fosse dada a partida.

Também não é de tolerar que faltasse o círculo de lançamento do péso e este fosse traçado a cal no solo; que a altura das barreiras fosse variável, havendo algumas que chegavam a 1.14 m.; que a organização contasse uma única ripa para os saltos, que se partiu ao começar a prova do salto à vara e houve de ser remendada para o campeonato terminar. E podia seguir a série...

Campeonatos e campeões

Os sportingistas, ainda inventados, mantiveram a supremacia, mas foram menos brilhantes do que nos regionais.

Falharam os seus homens de fundo, por motivos que talvez pouco tenham de desportivos; prejudicou a equipa a inutilização de Bastos, nos 1000 metros, porque deu uma topada num dos blocos que o júri se esqueceu de mandar arrancar da pista depois das meias-finais de cinquenta metros; e

acentuou-se a fraqueza já notada de 1.ª e 2.ª.

Os títulos foram: 6 para o Sporting (as três estafetas, os 80, 150 e 1000 metros); 4 para o Internacional (Barreira, 3000 metros altura e peso), 2 para o Benfica (500 metros e disco), 2 para o F. C. do Pôrto (dardo e vara) e o compromisso para o Académico de Braga.

Merece um bravo a representação do «Cif», que luziu a par dos melhores, provando uma recuperação muito interessante; também se não deve deixar em omissão o comportamento dos portugueses, que deram sempre réplica aos lisboetas e apresentaram alguns elementos de bom futuro.

De modo geral, a classe dos juniores concursistas, aparte os saltadores em comprimento e à vara, foi muito fraca; fraquíssima, até, em lançamentos, onde todos deram prova de rudimentar estilo e de insuficiente preparação.

Em corridas o lote é melhor e Camões, Mendonça, Mendes, Abreu, Coelho, Castelo Branco, Canhão, Américo Pinto, Bizarro e António Vaz são nomes de que ouviremos falar nos anos próximos.

Nos concursos, de entre os elementos novos, prenderam a atenção os portugueses Severino e Albuquerque, António Mendes e Fernando Paiva, o bracarense Garçon, Sousa Dias e Eduardo Matos. Mais conhecidos, Mário Lemos, Monteiro Baptista, Nelson Gomes, Homero Reis e Moniz Pereira, o único saltador português em comprimento que tem a corrida preparatória perfeitamente medida.

SALAZAR CARREIRA

BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 10 de Junho

UMA corrida que não satisfiz, porque os toiros de Oliveira & Irmão, desiguais em tamanho, tipo e apresentação, pouco ou nada se prestaram à lide, confiada a três toureiros de créditos bem firmados e que — manda a verdade dizê-lo — fizeram o impossível para que o fracasso não fosse completo. Armillita, Estudante e Pepin Martin Vasquez, em especial os dois últimos, procuraram por todas as formas tirar partido dos seus adversários, mansos na generalidade e alguns deities difíceis, pelo mau estilo com que investiam.

Digna de registo a «faena» cingida e valente de Estudante no quarto, um manso que o veterano e pundonoroso toureiro obrigou a passar, à força de lhe pisar o terreno.

«FLECHA»

A MELHOR BICICLETA

A QUE DELIO RODRIGUES PREFERIU PARA GANHAR A VOLTA A ESPANHA

Para o jovem prodígio Pepin Martin Vasquez saiu o quinto, manso como os restantes, embora sem más intenções. Depois de breve intervenção de capote, em que mais uma vez revelou a essência da sua inconfundível graça sevillhana, Pepin pegou em bandarilhas, conseguindo, à força de procurar o inimigo, cravar dois pares emocionantes à «topa carneiros» e um terceiro par em que logrou marcar bem o «quebro». Com a muleta, iniciou uma «faena» cingida e bem ligada, cheia de verdade e cheia de «sol», de que merecem destaque dois naturais ligados com um formidável passe forçado de peito. No remate de um passe, Pepin foi colhido violentamente, recolhendo à enfermaria.

Armillita toureiro bem de capote o seu primeiro, bandarilhando-o com o seu estilo fácil e ministrando-lhe uma «faena» breve mas aceitável. Nos dois últimos da tarde, pouco menos do que indáveis, nada fez digno de registo.

O cavaleiro Murteira Correia, pouco feliz com os toiros que lhe couberam, mostrou calma e não prejudicou os créditos anteriormente adquiridos.

J. E.

O velódromo de D. Amélia, no Pôrto inaugurado festivamente em 1894 e desaparecido há muitos anos

TINHAMOS em nosso poder, desde o ano passado, uma série de chapas fotográficas de coisas antigas do ciclismo no norte do País. Aguardavam oportunidade de publicação, por serem de muito interesse para a história do ciclismo em Portugal. A recente visita de D. Amélia de Orleans a Lisboa veio fornecer a oportunidade que não apparecia ainda tão flagrantemente. A propósito d'essa visita, recorda-se um velódromo que teve o seu nome e que desapareceu há um bom par de anos, quando o ciclismo entrou no seu primeiro período de crise.

O velódromo de D. Amélia existiu no Porto, na cerca do Palácio das Carrancas, com entrada pela rua do Triunfo, por um portão de ferro que existe ainda no local.

D. Carlos, pensando talvez nas festas que deviam constituir o programa comemorativo do «Centenário Henriquino», em Março de 1894, ceoou graciosamente ao Velo Clube do Porto, em fins do ano anterior, para construção de um velódromo necessário à expansão do ciclismo, em terreno na quinta das Carrancas. Era então presidente da direcção do Velo o sr. Conde do Paço Vieira. O falecido monarca concedera antes, ao então importante clube portuense, o título de Real. E o infante D. Afonso, irmão de D. Carlos, mostrava-se grande entusiasta dos desportos mecânicos, afirmando se, depois, excelente automobilista, um dos primeiros e mais ousados entre os amadores portugueses.

O Real Velo Clube do Porto aceitou o terreno e lançou-se com entusiasmo na obra de construção do velódromo. Um sócio, José Leidro da Silva Campos, elaborou a planta. E o diâmetro appareceu, ainda que com alguma dificuldade. Na gerência de 1894 gastou-se com a construção uma importância que seria agora irrisória: 2.376\$760 reis! É o que consta do respectivo relatório.

A inauguração não demorou muito. Fez-se, todavia, depois das festas do centenário, a 29 de Junho, dia de S. Pedro, no mesmo ano (1894), com um festival de pista.

Como gratidão por todas as deferências recebidas, o Real Velo Clube do Porto nomeou D. Carlos presidente honorário do clube, elegeu D. Afonso sócio honorário e deu ao novo velódromo o nome de D. Amélia, em homenagem à rainha, que fôra também praticante de ciclismo, quando o ciclismo era ainda um desporto da «elite». D. Amélia aprendera a andar de bicicleta com o antigo corredor Manuel Ferreira, que tomou parte no festival de inauguração.

O velódromo e as suas instalações

Referindo-se ao Velódromo D. Amélia, disse o «Diário Ilustrado», antes da inauguração:

«A pista é elipsoidal e o seu eixo máximo tem cerca de 100 metros. A curva, toda rectificada, dá cerca de um terço de quilómetro (1), e a pista tem, no geral, 7 a 8^m.50 de largura.

«A pista só tem faixa para corridas de bicicleta, ensaiada e ladeada por postes de um metro de altura, com um fio de arame a ligá-los.

«É sobretudo muito elegante o pavilhão que se eleva junto à pista, com lotação para 700 pessoas e lugar ao centro para o furi, tendo, como os pavilhões dos velódromos ingleses, 50 camarins térreos para os ciclistas se instalarem.

O talhão central (2), em redor do qual corre a pista, é todo em gazon e aí foram abertos três «courts» para jogos-courts.

A pista era, pois, de terra batida. Tinha, como é de rigor, dois «relevis», que foram alteados em 1898. E havia dispositivos de sinalização de corridas melhores que os da actual pista do Lumiar.

As instalações do velódromo incluíam uma casa com banheiros, onde também funcionou a sede do Velo Clube, nos últimos anos da sua vida activa como clube de desporto.

Algumas provas, outros desportos e declínio

A festa de inauguração realizou-se, conforme já dissemos, em 29 de Junho de 1894, vai para 51 anos.

É curioso recordar também as corridas disputadas e as melhores classificações, evocando,



Um treino de patinagem na pista do velódromo, onde se não do ciclismo se praticavam outros desportos. Os patins mostram bem que a exhibição conta já muitos annos... O modelo é curioso — mas foi assim, no começo...

assim, nomes que vão esquecendo: José Diogo de Orey, um dos grandes campeões nacionais de ciclismo, ganhou duas corridas, «Preparatória» e «Resistência»; Manuel Ferreira, a que nos referimos antes como professor de D. Amélia, ganhou uma, a «Regional»; Benedicto Ferreira, a «Local»; José Borges da Cunha triunfou na prova de velocidade; e F. Pinto Basto teve o prémio de «Corolação» no fecho do programa.

Disputou-se uma prova de infantis e outra de juniores. Na primeira triunfou Álvaro Miranda, seguido por Amadeu Múaze; na segunda, Adolfo Ramos com Aquiles Múaze perto. Os dois irmãos Múaze, que vieram a ser elementos de destaque no clube, começavam uma carreira que se estendeu a outros desportos.

Em lugares secundários, devemos apontar dois nomes — Eduardo Minchin, depois campeão de ciclismo no norte do país, e Mário Duarte (pai), já falecido e que chegou a ser figura de notável relevo no movimento desportivo de Portugal.

Na pista do Velódromo D. Amélia estabeleceu-se em 1894, o «record» nacional dos 100 quilómetros, por Eduardo Minchin, sendo batido mais tarde, em 1896, por Manuel Ferreira, na mesma pista.

No Velódromo D. Amélia disputaram-se também provas de motocicletas, em 1903, parecendo até que foram as primeiras que se organizaram em Portugal, em pista ou estrada.

O declínio do velódromo começou quando o ciclismo evoluiu para as provas de estrada, para as grandes corridas. A situação do Velo Clube do Porto agravou-se com a mudança do regime político em 5 de Outubro de 1910. Os terrenos passaram, depois, para o Estado. Foi uma série tremenda de dificuldades.

A pista da cerca das Carrancas deixou de ter utilidade. E não se sabe por isso quando desapareceu. Fechou assim, com a inutilização daquela pista, um período em que o ciclismo atingiu grande brilhantismo no norte do país.

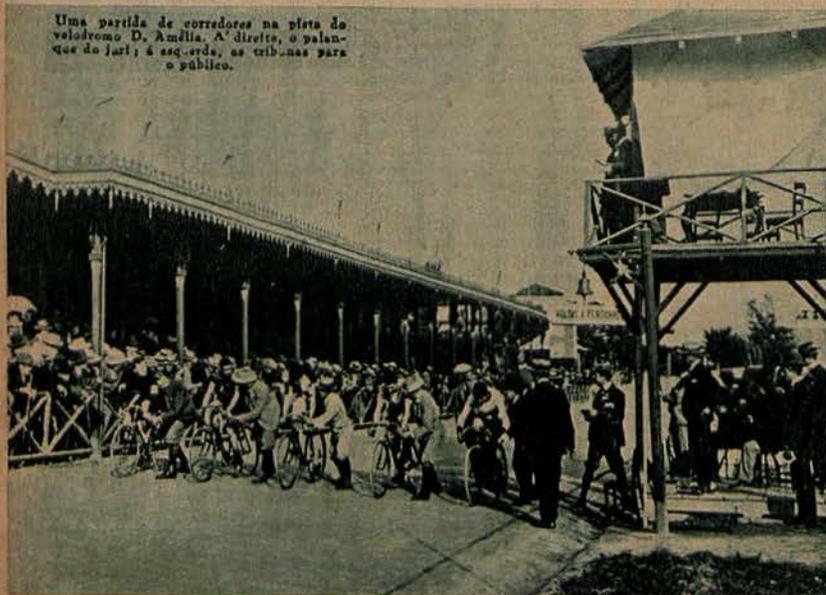
Acôrca de acção do Velo Clube, em vários desportos, talvez valha a pena dizer mais alguma coisa. Anotemos, entretanto, que o clube ainda tem existência legal, mas sem actividade desportiva. Aguarda melhores tempos. Tem demorado. Mas os irmãos Múaze ainda não desanimaram...

MÁRIO DE OLIVEIRA

(1) — 333,=333 para cada volta.
(2) — «Pelouse». Tinha apenas dois «courts», nos topos.

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por habito compra-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saliente que a Alfeitaría J. C. MOURA, no Rua de Alameda, 114, faz essas transacções sem qualquer aumento de preço. Fez V. Ex.^a viver essa sua vida a maravilhoso hador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confeccções de senhora em género tailleur! Note bem: nesta casa encontrará V. Ex.^a maior perfeição e não paga luz.



Uma partida de corredores na pista do velódromo D. Amélia. A' direita, o palanque do furi; á esq. arde, as tribunas para o público.

A HOMENAGEM A JOÃO JURADO

1 — O antigo internacional do Sporting; 2 — O homenageado com Azévedo e Amândio Ferreira, que apareceu após a operação que sofreu em Espanha; 3 — Fase do jogo disputado entre o Sporting e o misto de Almada; 4 — Como Jurado ainda veio a brincar-se com Pyroteo...; 5 — A tradicional homenagem de amigos e admiradores



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA

TENNIS DE MESA — A equipa do Ginásio Feminino de Portugal, composta pelas aras. D. Maria de Carmo Rodrigues, D. Maria Ester de Moura Cabral e D. Edla Saracayo, que conquistou o campeonato de Lisboa da categoria. Em baixo: A equipa do Ateneu Comercial, vencedora do mesmo campeonato em juniores.



WATER-POLO — Fase obtida na piscina do Sport Algas e Dafundo, durante o último encontro do torneio inter-sócios organizado pelo prestimoso club. (À esquerda) BILHAR — Grupo dos jogadores que receberam prémios, no sábado, na Associação dos Amadores de Bilhar, referentes aos últimos campeonatos efectuados. Entre os bilharistas estão directores daquela Associação e o grande jogador Alfredo Ferraz. (À esquerda, em baixo)

A vitória de GABRIEL RUSSEL

no torneio da Associação do Sul

SE as eliminatórias, e principalmente as meias-finais, foram férteis em motivos de desinteresse, a final do Torneio da Associação do Sul, pelo contrário, redundou numa prova magnífica e atraente. Inscreveram-se três Mestres e nove

chegou a ver as coisas muito mal paradas!... Russel não perdeu um único jogo, tendo apenas consentido três empates — e estes obtidos contra os xadrezistas que imediatamente o precedem na escala da classificação. Russell é daqueles que têm os olhos postos



João de Moura, Francisco Lupi e Gabriel Russel no momento em que disputavam a fase final do torneio

jogadores da categoria de honra, dos quais um não chegou a jogar. Hélder Saldinha não pôde inscrever-se, o que é de lamentar, pois o jovem campeão do I. S. Técnico alcançou já uma posição de relevo entre os melhores xadrezistas da nova geração.

A prova redmiu, mesmo assim, um bom elenco, e o seu decurso foi dos melhores. O nível técnico dos jogos satisfaz. No campo da teoria nota-se cada vez mais a tendência dos nossos jogadores em ensaiar aberturas modernas, conseguindo-se, em algumas partidas, bons esquemas de jogo posicional. Eis, resumidamente, alguns dados, indicando-se entre parêntesis os nomes dos jogadores que fizeram principal uso dos sistemas descritos:

P. D.-def. Indiana do Rei, 11 partidas (F. Lupi); def. Holandesa, 8 (J. Moura); P. R.-def. Siciliana, 7 (M. Esteves); Ab. Espanhola (R. Silva); def. Francesa, 5 (Moura e Antunes); P. D.-Def. Begoljubow, 4 (Lasvignes); P. Inglesa 4 (A. Dias); def. Eslava, 3 (Nandin); Catalã, 3 (Nascimento); def. dos Dois Cavalos, 3 (Nandin); G. D. def. Cambridge Springs, 2 (Russel); P. R.-def. Baloh, 2 (Dores); etc.

O torneio foi renhidamente disputado. A luta pelo primeiro lugar travou-se, desde início, entre os três mestres—Moura, Russel e Lupi—a tal ponto que a hipótese de um triplíce empate se manteve até ao derradeiro momento da prova. E essa situação talvez estivesse mais em harmonia com o jogo desenvolvido pelos três jogadores.

No «prints» final, Russel levou a melhor, embora com dificuldade. Na última partida, contra Nandin,

no próximo encontro de Madrid, e tudo tem feito para merecer mais uma vez a honra de defender no Tabuleiro as cores nacionais. Por esse motivo, não tem descurado a preparação teórica e a sua força de vontade é um exemplo a apontar aos menos cuidadosos neste pormenor.

Moura e Lupi são dois xadrezistas que temos citado sempre com referências elogiosas. Moura é um jogador habilidoso, possuidor de qualidades magníficas, nas quais predomina a calma. É de crer que o ex-campeão nacional breve volte a ocupar a destacada posição que desfrutou já—hoje com muito mais mérito, pela oposição de muitos e bons elementos com os quais rivaliza. Lupi, em relação às provas disputadas ultimamente, fez um torneio inferior. A sua posição chegou a perigar em dada altura, mas conseguiu finalmente impor-se, mercê de férrea vontade—que amiúde é prejudicada pelo seu temperamento optimista.

A luta pelos lugares seguintes foi também muito renhida. O principal atractivo reside no facto de se considerarem candidatos a Mestres os três primeiros classificados da categoria de honra.

Nandin de Carvalho, em evidente retórno de forma, triunfou nessa peleja, tendo obtido o título de campeão daquela categoria. Nandin perdeu uma só partida e empatou metade dos jogos feitos. O seu excelente «score» com os mestres (1 v. e 2 emp.) leva-nos a confiar no possível êxito da sua candidatura.

Dores e Nascimento igualaram-se em pontos. O primeiro é um jogador que volta às lides com resultados realmente muito pro-

CAMPISMO — MODALIDADE EXCELENTE

PARA TODOS OS CLUBES DE DESPORTO

A cidade foi ficando para trás, amontoada no imenso casario. Sob os seus telhados um mundo de actividades, a animar vidas de trabalho e de apreensões, de estudo e de movimento constante, rodopiando por avenidas, ruas e bôcos, formando a agitação do burgo enorme, onde só os telhados recebem amplamente o sol criador...

O ar anda amolecido, enfraquecendo energias, e as lufadas saudáveis que vêm do rio perdem-se por entre o aglomerado dos cais ou, uns metros adiante, na cidade, que logo principia.

O campista lisboeta, conseguindo desprender-se de todo o bulício da cidade, atravessou com pressa uma das saídas de Lisboa. O rapaz olhou a primeira árvore e sentiu o primeiro contacto com a Natureza. Respirou melhor e, olhando a estrada, pôs-se a caminho da sua cura de desintoxicação, do melhor tónico para cimentar a saúde. E lá se foi, os olhos alegres, o sorriso mais franco.

O rapaz voltou. Vimo-lo, de rosto queimado pelo sol, modos desembaraçados, pleno de energia.

Disse-nos do prazer do fim de semana, que não é limitarmos a percorrer uma pequena distância e armar a tenda debaixo da primeira árvore que nos apareça, para depois nos instalarmos lá dentro. O campismo, assim, será uma coisa monótona, como qualquer banalidade, para passar umas horas. Mas se por outro lado encarmos qual a verdadeira finalidade a atingir com a sua prática, reparamos que é vasta e proveitosa, pondo em movimento todas as nossas faculdades, apegadas a um trabalho profícuo e altamente utilitário.

—É o desporto mais completo!—diz-nos o rapaz campista, trazendo nos olhos o maravilhoso da serra e dos campos, dos rios e do luar, com os músculos enrijados pela escalada corajosa de um obstáculo e em todos os momentos em que a sua agilidade foi necessária, quer nos diversos aspectos do acampamento, ou, pelo dia adiante, entregue a jogos desportivos e exercícios físicos.

De facto, assim é. Mas sendo o campismo um desporto, onde poderemos encontrar os seus melhores praticantes senão nos clubes desportivos? São estas colectividades as que dispõem de melhores condições para iniciar os adeptos do campismo. Nas suas classes de ginástica adquirem-se as primeiras noções de destreza e agilidade. Aos nossos clubes compete, portanto, auxiliar a divulgação deste desporto reconfortante e educativo.

Quantos campistas estarão entre as suas centenas de sócios? E quantos mais não lhes agradecerão depois os benefícios e prazeres colhidos no contacto com a vida ao ar livre?

Neste aspecto há já exemplos que é justo pôr em relevo e desejar que sejam imitados.

O Clube Atlético de Campo de Ourique e o Ateneu Comercial de Lisboa foram os primeiros a enquadrar nas suas actividades desportivas o campismo. Depois vieram o Lisboa Ginnástico Clube, Clube Desportivo de Arroios, Grupo Desportivo dos Tabacos e Sporting Clube Figueirense. Sabemos que mais alguns clubes estão preparando ou dando bom apoio à formação de secção de campismo. No Sporting, no Benfica, no Atlético e no Belenenses há entusiasmo e bons preparativos de actividade.

Apudimos as iniciativas. Aos desportistas está indicado que encarem a sério este problema, cuja solução—mais campistas, melhor campismo—está absolutamente integrada nos princípios de fomentarem junto do povo as úteis práticas do desporto e do exercício físico.

Neste aspecto, o campismo aparece-nos como o maior e melhor elemento criador de almas fortes em corpos saós.

metedores. Pode mesmo considerar-se a sua actuação como autêntica revelação. O segundo foi muito irregular, com partidas bem conduzidas a par de outras nas quais parece haver-se empregado com menos interesse. O jogo disputado com Rodrigues da Silva é prova flagrante das suas possibilidades.

Os restantes deram sempre boa réplica, mas só Antunes e R. Silva se mostraram em condições de competir na luta pela candidatura. Pelos novos regulamentos da F. P. Xadrez, Manuel Antunes ganhou neste torneio o título de campeão do Clube dos Caçadores, pois é actualmente o jogador mais classificado daquela colectividade. Rodrigues da Silva, com um pouco mais de sorte, podia ter melhorado a sua classificação.

Manuel Esteves pouco mais poderia fazer, visto ter jogado muitas das partidas em más condições de saúde.

Lasvignes precisa de controlar

melhor os nervos. Quanto a Armando Dias, só pode dizer-se que é impossível conduzir com êxito provas desta categoria nas condições em que jogou. As suas ocupações profissionais não permitiram que seguisse a boa marcha do torneio, tendo apenas jogado metade das partidas.

A classificação final foi a seguinte: 1.º—Gabriel Russel, 8,5 pontos; 2.º—ex-aequo—João de Moura e Francisco Lupi, 8 (todos Mestres); 4.º—Nandin de Carvalho, do E. P., 6,5; 5.º—ex-aequo—Rui Nascimento e José Dores, do G. X. L., 6; 7.º—Manuel Antunes, do C. C., 4,5; 8.º—Rodrigues da Silva, do C. C., 3,5; 9.º—ex-aequo—Frederico Lasvignes, do G. X. C. S., e Manuel Esteves, do C. C., 2; 11.º—Armando Dias, do G. X. L. N., 0 pontos.

Actuou como director do torneio o dr. Mário Machado, coadjuvado por Carlos Pires e Lucílio Ventura.

VASCO SANTOS J

AS NOSSAS SEPARATAS

PROSSEGUE com regularidade a impressã das primeiras folhas do original sêrie de separatas com os EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS.

A inclusã de cada separata destas, nos números da STADIUM, está para breve. Impressas a côrea, conforme o original, o seu conjunto será uma COLECCÃO MAGNÍFICA.

A BIBLIOTECA DA «STADIUM»

DISSEMOS já que será um trabalho vasto, do maior interesse, dividido em várias sêries, tais como historiografia e bibliografia desportiva, técnica, etc.

A «Biblioteca da Stadium» é constituída por uma nova colecção de separatas ABSOLUTAMENTE GRATIS.

Basta adquirir a nossa Revista para formar uma biblioteca desportiva do maior interesse—única no nosso País.

DE LUTO Marquês do Lavradio

Faleceu na última semana o sr. D. José Augusto Correia de Sá, marquês do Lavradio, que foi uma figura distinta de fidalgo e escritor ilustre. Exercia actualmente o cargo de secretário-geral do Automóvel Clube de Portugal e era irmão do sr. conde do Lavradio e tio do sr. D. António de Almeida (Lavradio), conhecido desportista e director de Federação Portuguesa de Esgrima.

A ilustre família enlutada e ao Automóvel Clube de Portugal apresentamos sentidos pesames.

De oito em oito dias

(Continuação da página 6)

uenses esse facto não constituiu prejuizo de monta, outro tanto não deverá succeder para Braga, mal servida de jogos, fóra aqueles que a Federação lhe serve, como «prato único».

Também não está definitivamente esserta—não o estava, quando escrevamos—o dia em que se fará a retribuição à Galiza do jogo a realizar no próximo domingo, 17, nesta cidade. Parece que surgiram quaisquer embaraços, que estão a ser removidos pelas entidades oficiais esportivas.

Justas palavras!

A estrondosa vitória obtida pelo F. C. do Porto sobre o Real Madrid tem constituído o assunto inesgotável das conversas no nosso meio desportivo.

Unanimemente se reconhece a acção profícua desenvolvida pela actual direcção do clube «azul-branco», no sentido de trazer até nós algumas equipas estrangeiras, para melhor se equillibrar do velôr do conjunto de honra da colectividade e, ao mesmo tempo, para ser-

BASKETBALL

O BELENENSES

conquistou o campeonato nacional

A equipa do Belenenses, embora derrotada por 38-37, em Coimbra, conquistou o campeonato nacional de «basket». Justíssimo triunfo. Os rapazes de Belém, campeões de tódas as categorias de Lisboa, incluindo juniores, mereciam ser compensados pela sua persistência admirável. E assim aconteceu.

O Vasco da Gama, entretanto, tenciona fazer seguir para a D.G.D. uma exposição sobre o seu desporto com o Guifões. Recorre, assim, de uma decisão do Conselho Técnico da F. P. B. B.

Mas, seja como for, por agora o Belenenses é campeão indiscutível. E diga-se que, por ter brilhado a

grande altura no «basket», nenhum outro merece tão bem o título.

No mundo do «basket» merece também notícia a vitória do F. C. do Porto contra o Olivais, de Coimbra. Assim, os portugueses são finalistas do campeonato nacional da 2.ª Divisão.

Agora preparam-se duas finais: —a da 2.ª Divisão e a de juniores. Mas o «basketball» português vai ganhando categoria. O Vasco da Gama, segundo uma informação de boa origem, deslocar-se-á em breve para Badajoz, onde efectuará dois jogos.

A falta de Portugal-Espanha...

A INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA

do Grupo Desportivo da casa Jerónimo Martins

DEVIDO a um gentil convite da respectiva direcção, tivemos o prazer de assistir, no domingo, à cerimónia da inauguração da biblioteca do Grupo Desportivo da casa Jerónimo Martins.

Não é vulgar que os clubes corporativos de desporto levem a tão cuidado pormenor a sua acção cultural. Aquêllo Grupo Desportivo tem, assim, motivo para se orgulhar da directriz a que os seus dirigentes lhe imprimem, tanto mais que a sua biblioteca, inteligentemente seleccionada, conta algumas centenas de obras, a cuja escolha presidiu criterioso caracter instrutivo.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita fazer à pequena festa a referência desenvolvida que justamente merecia. Mas desejamos sublinhar o facto para o apontar como exemplo muito digno de ser seguido por tódas as colectividades congêneras, pois a cultura do espirito deve ser uma das preocupações dos dirigentes corporativos que cuidam da cultura física.

Na cerimónia a que assistimos, simples mas de relevo invulgar; falaram, entre outros, os srs. Armando Silva, presidente da direcção do Grupo e seu infatigável obreiro, e o sr. Elisio Pereira do Vale, do conselho de administração da casa Jerónimo Martins. Referiram-se ao significado da festa e tiveram palavras muito amáveis para a nossa revista—que o nosso chefe de redacção, que representava a Stadium, agradeceu ao felicitar os dirigentes pela sua feliz quanto honrosa iniciativa.

STADIUM

na Imprensa espanhola e moçambicana

«El Mundo Deportivo», o conhecido diário desportivo de Barcelona, transcreveu algumas das crónicas que publicámos da série «Uma dúzia de exercícios gímnicos de preparação física» para atletas, do nosso estimado colaborador dr. Salazar Carreira, reproduzindo os desenhos que as acompanhavam e fazendo à elevada competência técnica do autor e ao valor do trabalho a merecida referência.

Agradecemos a atenção. Também o jornal «Noticias», de Lourenço Marques, fez referência, no seu número de 18 de Janeiro último, que só agora chegou às nossas mãos, à crónica que Rafael Barradas, nosso querido companheiro de trabalho, publicou na Stadium acerca do combate Beni Levi-Garcia Alvarez. O «Noticias» transcreve parte do trabalho do nosso redactor, ao qual se refere em termos muito elogiosos, considerando-o, aliás justamente como das maiores autoridades portuguesas sobre pugilismo.

Da mesma forma agradecemos a gentileza.

Ano II—III Série

Lisboa, 13 de Junho de 1945

N.º 132

Stadium	Propriedade da
	SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REVISTA DESPORTIVA	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Director e Editor:	Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
DR. GUILHERMINO DE MATOS	TELEFONE 5 1146—LISBOA
	Execução gráfica de
	NEOGRÁVURA, LDA.—LISBOA

Stadium

OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DESPORTIVOS



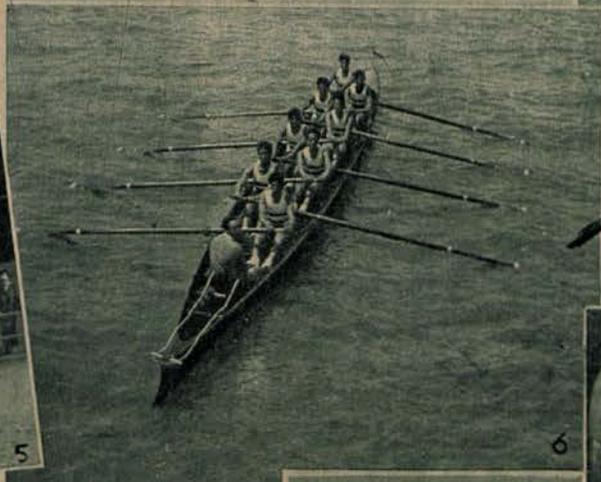
1



2



5



6



8



9

HANDBALL. — Campeonato Nacional. 1 e 2 — Como foram marcados dois dos golos do Sporting; 3 — Fase do encontro Cal-Vigoreira. FUTEBOL. — Campeonato Nacional de Júbilos. 4 — Um instantâneo que foca a agili-
dade prodigiosa de Kerpens de Lusitano, no jogo de domingo entre eborense e seiselense. REMO — Campeonato regional de Júbilo. 5 e 6 — O sculler de a do G. D. da Cal e o sculler vizinho de e da Associação Naval, vencedores de parte das provas efectuadas ao longo da Junqueira. LUTA — Torneio da taça Joaquim Roventos. 7 — Os lutadores que exhibiram na última sessão deste torneio. TENNIS. 8 — As equipas do União Comércio e Indústria, de Setúbal, e do Sporting, que disputaram no domingo um animado LÁPIS. TIRO. 10 — Os componentes da 4.ª Terceira de Tiro de Praiosa, que concorreram o 1.º sítio com a disputa da prova «Cervinho Arado».



10



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1866
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 14C
Telefons 22829 LISBOA